



## Emigração Portuguesa de Profissionais de Saúde: (Di)Visões em torno de um fenómeno emergente

SUSANA AMARAL & ANA PAULA MARQUES

*CICS/UM*

susanamaral@ics.uminho.pt; amarques@ics.uminho.pt

### **Resumo:**

O fenómeno da emigração de profissionais de saúde tem vindo a intensificar-se na atual conjuntura socioeconómica portuguesa. Esta tendência, já observável em vários países em vias de desenvolvimento e decorrente de processos de globalização do mercado de trabalho em geral e do setor da saúde em particular, em Portugal ganha visibilidade num contexto que predispõe ao desemprego e à precariedade grupos profissionais altamente qualificados, tradicionalmente menos expostos ao paradigma da emigração portuguesa. Este é precisamente o mote que leva a que, no presente artigo, se vise restituir visibilidade sociológica à temática da emigração de portugueses detentores de qualificação superior.

Do ponto de vista da sua estrutura, iniciaremos por enquadrar o tema nas transformações (trans)nacionais dos mercados de trabalho de profissionais de saúde. Em seguida, através do recurso a fontes secundárias, nomeadamente produzidas pelos *media*, bem como a entrevistas presenciais a informantes privilegiados – ordens profissionais -, expõem-se as diversas visões, de acordo com os respetivos enfoques discursivos dos atores envolvidos. Finaliza-se este artigo com a sinalização de alguns paradoxos, incertezas e desafios sobre a emigração portuguesa destes profissionais, de modo a sustentar pistas e hipóteses de investigações futuras.

### **Palavras-chave:**

Emigração altamente qualificada; profissionais de saúde; mercado de trabalho (trans)nacional; enfoque corporativo.

### **Abstract:**

The phenomenon of emigration of health professionals has been increasing in the current Portuguese socio-economic crisis. This tendency, already observable in several developing countries as a result of processes of globalisation of the labour market, in general, and of the health sector in particular, in Portugal has gained visibility in a context that predisposes to unemployment and precariousness groups of highly qualified professionals, traditionally less exposed to the paradigm of Portuguese emigration. In this article, it is precisely our intention to bring sociological visibility to the emigration of Portuguese people holders of higher qualifications.

From the point of view of its structure, we will start by framing the issue in the transformations of (trans)national labour markets of health professionals. Then, using secondary sources, notably produced by the media, as well as face-to-face interviews with privileged informants – professional associations -, we present different views, according to the respective discursive approaches of the actors involved. This article ends by pointing out some paradoxes, uncertainties and challenges about the Portuguese emigration of these professionals, in order to provide clues and hypotheses for future research.

### **Keywords:**

highly skilled emigration; health professionals; (trans)national labour market; professional associations focus.

---

## Introdução

A emigração de profissionais de saúde tem vindo a intensificar-se na conjuntura socioeconómica portuguesa pós crise de 2008, acompanhando o crescimento do movimento emigratório, em geral, e dos profissionais altamente qualificados, em particular. Esta tendência, já observável em vários países em vias de desenvolvimento e decorrente de processos de globalização do mercado de trabalho, nomeadamente no que respeita ao setor da saúde, em Portugal ganha visibilidade no atual contexto que expõe ao desemprego e à precariedade grupos profissionais altamente qualificados, tradicionalmente menos suscetíveis de emigrarem. Se, por um lado, o aumento de diplomados constitui uma das mudanças e das tendências de fundo que caracteriza a sociedade portuguesa, por outro, num quadro de profundos desequilíbrios socioeconómicos e de forte pressão para a competitividade entre regiões, predispõe os mais qualificados a uma crescente mobilidade transnacional, sobretudo em áreas de formação especializada com crescente oferta nos países mais influentes.

A reflexão que aqui apresentamos enquadra-se num projeto de doutoramento mais amplo, intitulado “Crise de oportunidades e novas configurações da emigração portuguesa: o caso dos profissionais altamente qualificados”. Este fenómeno tem suscitado um intenso e crescente interesse da investigação jornalística. Ao longo dos últimos cinco anos, notícias e reportagens dão conta da intensificação destes fluxos, bem como de uma certa intencionalidade por parte daqueles que (ainda) não partiram. O setor da saúde (médicos, enfermeiros, dentistas, fisioterapeutas, farmacêuticos) é um dos mais presentes no amplo debate difundido pelos *media* sobre esta realidade.

Nessa investigação, propomo-nos traçar um retrato sociológico dos ativos portugueses, com qualificação superior que, nos últimos anos, emigraram em busca de oportunidades que não encontraram no seu contexto de origem, de modo a analisá-lo na sua complexidade, procurando desocultar constrangimentos de diversa natureza (político-institucionais, socioeconómicos, simbólico-valorativos), bem como realidades, ainda invisíveis, ao nível da estruturação de motivações e expectativas que impelem à emigração e adiam o regresso.

Numa fase inicial e exploratória do trabalho, procuramos enquadrar o tema, recorrendo a fontes secundárias - estatísticas, relatórios e documentos vários, nomeadamente produzidas pela comunicação social -, bem como a entrevistas presenciais a informantes privilegiados – ordens e associações profissionais - que, pela sua experiência e conhecimento abrangente deste fenómeno, poderão fornecer elementos essenciais para o aperfeiçoamento do nosso modelo de análise. Este mapeamento de posições e discursos dos diversos atores sociais permitirá, nesta fase da investigação, identificar os principais eixos analíticos que delimitam a problemática da emigração de quadros altamente qualificados.

Em termos metodológicos, através da análise de conteúdo de registos discursivos de responsáveis pelas associações e ordens profissionais, intentamos compreender de que forma, a partir do seu posicionamento, estes atores percecionam este fenómeno emergente, problematizando até que ponto o seu discurso legitima o do senso comum ou, pelo contrário, convoca outras dimensões analíticas que possibilitam novas leituras.

O enfoque corporativo aqui desenvolvido sintetiza os discursos e as perceções veiculados por representantes de grupos profissionais organizados relativamente a cinco dimensões de análise – i) intensidade do fenómeno e perfil dos emigrantes; ii) significado deste tipo de

emigração; iii) causas e consequências da emigração; iv) dinâmicas de integração nos países recetores (constrangimentos/oportunidades); v) perspectivas de futuro. A partir desta análise, recoloca-se a centralidade do trabalho e da realização profissional, bem como as transformações recentes dos mercados profissionais (trans)nacionais como dimensões fundamentais das dinâmicas de mobilidade destes profissionais, sinalizando alguns paradoxos, incertezas e desafios como pontos de partida para futuros desenvolvimentos da investigação.

### 1. Mercado de trabalho dos profissionais de saúde – uma realidade transnacional

A competição internacional por profissionais qualificados constitui uma questão transversal na contemporaneidade. Países de imigração frequentemente desenvolvem políticas de admissão seletivas para atraírem os designados “talentos”. Neste contexto, as migrações internacionais dos profissionais de saúde têm vindo a assumir-se como uma área de importância crescente, suscitando o interesse académico e político. Esta questão é particularmente relevante quer para os países da OCDE, que enfrentam graves problemas demográficos de envelhecimento populacional, quer para os países em vias de desenvolvimento, que “exportam” os seus profissionais especializados, correndo o risco de *brain drain*.

A perspectiva subjacente à generalidade da investigação sobre migrações de profissionais de saúde sustenta que o envelhecimento demográfico promove uma crescente procura de serviços de apoio de cuidados de saúde. Esta procura nem sempre é acompanhada, no curto/médio prazo, pelo aumento da força de trabalho local/nacional, principalmente devido à demora de adequação da formação que, sobretudo, neste setor, necessita de tempo. Para além disso, esta solução é menos dispendiosa do que formar internamente estes profissionais, numa área particularmente exigente e onerosa como a saúde<sup>1</sup> (Hoesch, 2008, 168-169). Da falta de recursos humanos qualificados neste setor emerge a opção pelo recrutamento internacional de médicos, enfermeiros e outros profissionais de modo a dar resposta às necessidades imediatas dos seus sistemas de saúde. Este enfoque, porém, não é completamente generalizável, coexistindo uma diversidade de estratégias seguidas por diferentes países de acordo com o modo como, em cada momento histórico, os seus sistemas de saúde estão internamente estruturados.

Por sua vez, importa convocar outro tipo de explicações para este fenómeno, designadamente as lógicas recentes de transformação da estrutura da composição da mão-de-obra qualificada dos mercados de trabalho.

Com efeito, a partir da década de noventa do séc. XX, Portugal integra-se num movimento mais vasto de profissionalização associado à expansão do sistema institucional de credencialização de nível superior (cf. Marques e Alves, 2010; Gonçalves, 2009; Teichler, 2009, 2007; Marques, 2007). Além do aumento generalizado de diplomados com um título académico, a par da diversificação da oferta formativa (1º, 2º e 3º ciclos, cursos de especialização, cursos de formação avançada) e da crescente feminização da população universitária, importa, também, referir a tendência para o prolongamento do período de estudos, a pressão para a formação contínua, muitas vezes em condições críticas de conciliação da vida profissional e privada, as dificuldades de obtenção do 1º emprego, entre outros aspectos.

<sup>1</sup> O caso português configura, assim, uma situação paradoxal. Sendo um país europeu periférico, está a investir na formação de profissionais de saúde altamente qualificados que irão desenvolver a sua atividade nos países centrais.

Como se pode depreender, são várias as implicações daqui decorrentes quer na configuração da estrutura ocupacional e profissional, quer nas dificuldades de delimitação do “ato profissional” ou “monopolização” do campo profissional da partir da fixação de jurisdições (Abbott, 1988; Friedson, 1986, 2001). Assim, as categorias de “quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores da empresa”, “profissões intelectuais e científicas” e “profissões intermédias” têm vindo a espelhar diversos fatores, entre os quais importa destacar aqui a internacionalização e a competitividade dos mercados que pressionam as organizações para a inovação e o desenvolvimento da tecnologia, mobilizando novos conhecimentos científicos. Igualmente, as transformações recentes nas políticas públicas, com especial impacto nos sectores sob a alçada do Estado, exigem perfis profissionais com elevada cientificidade e tecnicidade, bem como com dimensões de gestão e de *accountability* (Evetts, 2010). Tal explica que, nas últimas duas décadas, se tenha assistido à expansão e à diversificação de grupos profissionais detentores de diplomas/credenciais nos diversos domínios de atuação. Por fim, os movimentos transversais de privatização e externalização e/ou *outsourcing* empresarial têm vindo a ser acompanhados de uma progressiva extensão de políticas de subfinanciamento, muitas delas subordinadas a lógicas de curto prazo e com consequências visíveis de redução na criação de emprego público para muitos daqueles qualificados. Ou seja, esta progressiva perda de poder de absorção endógena por parte do mercado de trabalho local e nacional de diplomados tem apresentado, como contrapartida mais visível, a pressão para saída para outros mercados de trabalho transnacionais. Em todo o caso, parecem existir significativas diferenciações internas considerando os fluxos migratórios por área académica quer pelo desigual poder de atratividade dos títulos académicos perçecionados pelos potenciais países/entidades recrutadoras, quer pela projeção ou não de uma carreira profissional e melhores condições de trabalho, quer, ainda, pela disponibilidade ou vontade de constituir um projeto de vida num país diferente<sup>2</sup>.

Por conseguinte, tal como temos vindo a argumentar neste trabalho, se é certo que estes fenómenos de emigração profissional reclamam ser enquadrados numa ótica mais transversal, a verdade é que uma maior atenção se impõe na análise das lógicas e estruturas dos mercados de trabalho, em particular dos seus constrangimentos e desiguais estratégias de ação dos agentes sociais (trabalhadores, empresas, sindicato, associações profissionais, família e Estado, entre outros). Assim, ao se perspetivar o mercado de trabalho na sua multidimensionalidade, será possível avançar com a explicação e compreensão de processos de recomposição profissional, suas lógicas seletivas de segmentação, desregulamentação e individualização crescente das relações de trabalho (Bauman, 2001; Beck, 2000, 1992; Sennett, 2000) que se inscrevem em tendências internacionais mais profundas que perpassam as economias e as sociedades contemporâneas.

---

<sup>2</sup> Estas e outras dimensões da emigração portuguesa de profissionais altamente qualificados serão alvo de aprofundamento concetual e empírico em futuros trabalhos.

## 2. Evolução recente das migrações no setor da saúde em Portugal

### 2.1 Imigração - profissionais estrangeiros em Portugal

Portugal permaneceu durante muito tempo um pouco à margem da discussão em torno da mobilidade internacional destes profissionais. Mas, a partir dos anos 90, torna-se visível uma significativa presença de estrangeiros no sector de saúde português, geralmente atribuída à escassez estrutural destes profissionais<sup>3</sup>. Para um país do Sul da Europa como Portugal, geralmente identificado como um país de emigração, este fluxo colocou novos desafios, quer à sociedade quer aos *stakeholders* do sistema de saúde nacional. No conjunto de países da OCDE, Portugal estava, até há bem pouco tempo, entre os principais destinos da migração de médicos (Lowell, 2008).

O número de estrangeiros a trabalhar para o Ministério da Saúde português evoluiu positivamente entre 1994 e 2004 (até 2000 o aumento foi na ordem dos 829%, correspondente a uma média anual de 45% (Baganha et al., 2001: 17). A partir de 2005, verificou-se uma diminuição, observando-se uma tendência para a estabilização desde 2009. Em 2010, 3.061 estrangeiros estavam a trabalhar no Serviço Nacional de Saúde (SNS) português (1.696 médicos e 690 enfermeiros). Os grupos de pessoal médico e de enfermagem têm sido os mais representativos ao longo dos anos (Amaral, 2011).

Os principais países de origem dos médicos estrangeiros são a Espanha, o Brasil e a Angola, embora desde de 2009 se verifique um decréscimo dos profissionais dos PALOP, acompanhado por um aumento da mobilidade de profissionais da União Europeia (UE) (Ribeiro, 2013: 10). Países do leste europeu (Ucrânia, Moldávia e Rússia) marcam, também, presença, assim como, mais recentemente, outros países da América Latina (Cuba, Venezuela, Colômbia, entre outros). Em 2010, a maior parte dos profissionais proviera dos países da União Europeia (1.339), dos quais cerca de 77% eram espanhóis (1.031), seguindo-se os oriundos dos PALOP, com 753 trabalhadores, e do Brasil (475). Relativamente aos anos anteriores, a tendência é para um acréscimo da chegada de médicos, acompanhada de uma diminuição da entrada de enfermeiros. A percentagem de profissionais estrangeiros no conjunto de trabalhadores no Ministério da Saúde foi de 2,35%, sendo que nos médicos esse valor sobe para 6,5% (Amaral, 2011). No entanto, segundo dados da Ordem dos Médicos, o número de clínicos estrangeiros registados em Portugal passou de 3.736, em 2008, para 3.937, em 2010, e para 4.400, em 2011. Nesse ano, cerca de 11% dos médicos inscritos na Ordem eram estrangeiros.

Num primeiro momento, esta imigração não surgiu como resultado de políticas pró-ativas de recrutamento mobilizadas por Portugal, porém, recentemente tem-se verificado um recrutamento ativo de médicos estrangeiros pelo Ministério de Saúde português através de acordos bilaterais assinados com países terceiros - Uruguai, Cuba, Colômbia e Costa Rica. As

---

<sup>3</sup> O "Plano estratégico para a formação nas áreas da saúde", divulgado em Dezembro de 2001, considerava que o número de médicos não se afastava da média europeia, mas com distribuição regional desequilibrada e má distribuição por especialidades, com preferência pela carreira hospitalar, prevendo-se escassez para os próximos anos. Relativamente aos enfermeiros, Portugal apresentava, em 1998, uma média (3,7/1000 hab.) inferior à europeia (5,9), verificando-se o problema da assimetria regional da sua distribuição e "níveis perigosamente baixos de enfermeiros em cuidados de saúde primários". A carência crónica de profissionais de enfermagem é referida pelo conjunto de organizações de saúde. O relatório aponta para a possibilidade de atingir os níveis médios europeus em 8 ou 9 anos, se satisfeitas algumas condições enumeradas, nomeadamente a criação de mais escolas e o aumento do *numerus clausus*.

contratações de médicos uruguaios (14) em 2008 e de médicos cubanos (40), no ano de 2009, foram as primeiras experiências do governo português na formalização destes acordos (Ribeiro, 2013:11). Estes protocolos foram seguidos, em 2011, pelo recrutamento de médicos colombianos<sup>4</sup> (cerca de 80) e costa-riquenhos.

## *2.2. A emergência dos profissionais de saúde portugueses como sujeitos de emigração – os dados “possíveis”*

Em Portugal, não existem dados exatos sobre os fluxos emigratórios. Os números a que podemos aceder tendem a ser escassos, dispersos e incompletos. Nos últimos anos, o fenómeno não só não tem sido estudado, como, quando medido, é-o de múltiplas formas, obtendo-se diferentes resultados para o mesmo período<sup>5</sup>. Se, com as devidas reservas, nos é possível conhecer um pouco sobre o volume e a direção dos fluxos, relativamente a aspetos mais qualitativos - características de quem parte e os seus perfis – conseguimos apenas um puzzle de dados que nos vão apontando tendências que urge aprofundar.

Perante este cenário, a percepção empírica do crescimento exponencial da emigração altamente qualificada não assenta em números concretos e fidedignos, mas induz-se a partir de estimativas e dados dispersos que, quando conjugados, apontam claramente para uma tendência inequívoca de aumento exponencial da emigração por motivações económicas, em particular nos últimos 2 anos, com incidência na população jovem ativa e com qualificação superior<sup>6</sup>.

No caso específico dos profissionais de saúde, até ao início desta década, Portugal tinha permanecido à margem destes fluxos de saída, principalmente no que respeita aos médicos. A partir de então, começa a observar-se um interesse crescente na procura de outros países para o exercício da profissão. Os dados a que temos acesso são-nos fornecidos pelas respetivas ordens profissionais, baseados nos pedidos de declarações das diretivas comunitárias exigidas para

---

<sup>4</sup> A contratação de médicos colombianos instalou, em setembro de 2011, uma polémica acesa com a Ordem dos Médicos.

<sup>5</sup> Para além das estimativas do INE (23 760 em 2010 e 51 958 em 2012), são trabalhados pela DGACCP - Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas - dados relativos aos países de acolhimentos (os últimos dados oficiais indicam cerca de 130 mil saídas em 2012). Já a Obra Católica para as Migrações estimava 250 mil entre 2011 e 2012 – níveis muito idênticos aos de meados dos anos 60. De acordo com dados do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), o número de desempregados que anulou a inscrição nos centros de emprego para emigrar entre janeiro e setembro de 2012 disparou 45,4%, face a igual período de 2011. Segundo dados recentes da OCDE da ONU, 1,492 milhões de portugueses são emigrantes em outros países da OCDE. Com 14,2% dos nacionais a viver em outros países da OCDE, Portugal é um dos estados-membros - a par da Irlanda (16,1) - com maiores taxas de emigração.

<sup>6</sup> Os inquéritos do INE ao mercado de trabalho revelam uma perda de população ativa em Portugal, sobretudo nas idades entre os 25 e os 34 anos: entre Junho de 2011 e Junho de 2012 desapareceram 65 mil jovens ativos com estas idades, uma descida de 4,7%, que se agravou nos primeiros seis meses de 2013 quando deixaram de aparecer mais de 40 mil jovens ativos. De acordo com o Eurostat, o desemprego jovem em Portugal (cidadãos com menos de 25 anos) encontrava-se, em Julho nos 37,7% (não inclui subemprego e desencorajados...). O emprego de diplomados, embora continue a assinalar um ligeiro aumento, não consegue acompanhar o ritmo de crescimento do nº de pessoas com qualificação superior, sendo que o nº de desempregados licenciados cresceu em 2012, em 38%. As estatísticas do INE revelam ainda que a população ativa com ensino superior está a crescer menos do que a população total com essa mesma formação, o que poderá ser explicado, em parte, pela emigração. A percentagem de licenciados desempregados que anulou a inscrição nos centros de emprego para emigrar subiu 49,5% entre 2009 e 2011. Dados da OCDE de 2012 revelam, ainda, que 12,9% dos licenciados portugueses estão emigrados em outros Estados da OCDE. A maioria dos países da OCDE e dos países com grandes populações como o Brasil, a China, a Índia e a Rússia, tinham baixas taxas de emigração de licenciados (abaixo dos 3,5%).

exercício da profissão noutro país. Entre o início de 2012 e junho de 2013, 1.500 médicos efetivaram este pedido, com a intenção de irem trabalhar para outros países.

Relativamente à enfermagem, um estudo<sup>7</sup> realizado pela Ordem dos Enfermeiros (OE) permite calcular que, dos enfermeiros formados em 2008, 2009 e 2010, um total de 873 enfermeiros terá saído do país à procura de outras oportunidades. Mas se considerarmos os pedidos de declaração das Diretivas Comunitárias para trabalhar no estrangeiro, os dados da OE indicam que, em 2009, foram 609, 1.030 em 2010 e 1.724 em 2011. A informação mais atual de que dispomos revela que entre o início de 2012 e junho de 2013, esse nº subiu para 3.845 enfermeiros (média de 10/dia).

*Só no Norte de Portugal, acabamos o ano de 2012 com cerca de 1400 a 1500 pedidos. Agora, não lhe posso dizer que todos estes pedidos resultaram em saídas, que se efetivou mesmo a saída. Além de pedirem a diretiva comunitária, também suspendem a inscrição na Ordem, o que reflete a intenção de efetivar a saída de Portugal. No ano anterior terá andado pelos 1000 pedidos. Tem sido gradual, mas no ano de 2012 decididamente aumentou. Eu posso dizer-lhe que no ano de 2012 inscreveram-se aqui cerca de 1250 enfermeiros... se formos a ver, entre os que se inscreveram e os que pediram essas declarações há já um défice... (OE<sup>8</sup>, Porto - 2013-04-01)*

A Espanha ainda é o principal destino, começando, porém, a perder peso face ao Reino Unido<sup>9</sup>, Suíça e França, com tendências crescentes. Angola e Emirados Árabes Unidos surgem como destinos emergentes.

A estes números juntam-se ainda outros profissionais na área da saúde, como os dentistas ou os profissionais qualificados em Farmácia, que têm vindo a procurar países como o Reino Unido, onde encontram ofertas mais competitivas.

Do lado da oferta de trabalho no estrangeiro, a informação analisada aponta para uma clara intensificação do recrutamento ativo em Portugal por parte de consultoras de países como o Reino Unido, a França ou a Espanha. Mais recentemente, juntam-se a Alemanha e os países nórdicos. Se inicialmente (2009-2011) estas empresas de recrutamento<sup>10</sup> admitiam que a adesão destes profissionais não fosse “em massa”, embora já se verificassem algumas manifestações de interesse, em 2012 numa ação de recrutamento de especialistas para trabalhar em instituições públicas e privadas francesas, cerca de 700 médicos e enfermeiros portugueses aderiram ao evento em Lisboa, manifestando insatisfação com a sua situação laboral em Portugal. Nos últimos *European job days* realizados em Portugal (Porto, 29 e 30 de outubro) ficou claro o interesse de grande parte dos países europeus pelos nossos profissionais de saúde, com uma notória presença de *stands* da área da saúde, com ofertas de emprego efetivas e atrativas face à conjuntura atual. Da observação feita *in loco* poder-se-ia deduzir que não se tratavam de contratações esporádicas, mas antes de boas oportunidades de carreira nesses países.

<sup>7</sup> “Situação Profissional dos Jovens Enfermeiros em Portugal – 2011”

<sup>8</sup> Entrevista concedida pelo enfermeiro Jorge Cadete, Presidente do Conselho Directivo Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros.

<sup>9</sup> Veja-se, a este propósito, dados da *Nursing and Midwifery Council*: antes de 2000 não consta qualquer enfermeiro a trabalhar no Reino Unido, já em 2012 entraram cerca de 800 enfermeiros portugueses.

<sup>10</sup> Refira-se, a título de exemplo a *GlobalMediRec* ou a *Reach Health Recruitment*.



### 2.3 *Génese e desenvolvimento do tema na comunicação social*

O setor da saúde (médicos, enfermeiros, dentistas e farmacêuticos), a par dos engenheiros e dos professores é dos mais presentes no amplo debate sobre emigração veiculado pelos *media* nos últimos anos<sup>11</sup>. É a partir de 2009 que surgem os primeiros sinais de um crescente interesse por parte de empresas de recrutamento estrangeiras nos profissionais de saúde portugueses e os *media* dão visibilidade a esse movimento: “Ingleses recrutam em Portugal médicos para as urgências” (Diário de Notícias, 2009-08-28). Também entre os que partem, ou tencionam partir, se evidenciam os profissionais da saúde: “Cada vez mais médicos a procurar estrangeiro para trabalhar” (Diário de Notícias, 2010-07-06). Em 2011, destaca-se o interesse dos países nórdicos e, sobretudo, da Alemanha pela mão-de-obra portuguesa, especialmente quadros técnicos (médicos, enfermeiros e engenheiros) como forma de colmatar a falta de recursos humanos qualificados e de contrariar o envelhecimento da população. A par da emigração tradicional, assiste-se, então, à chegada a este país de “muitos jovens académicos que têm dificuldades em encontrar colocação em Portugal, à procura de oportunidades na maior economia europeia, e normalmente têm êxito” (TVI 24, 2011-02-08).

No início de 2012 intensificam-se as notícias que apontam a possibilidade de saída de quadros portugueses, em várias direções: “500 clínicos querem emigrar” (Correio da Manhã, 2012-01-16); “Saúde: 700 médicos e enfermeiros querem ir trabalhar para França” (Lusa/Jornal i, 2012-01-18); “Gabinete abre esperança a jovens que querem emigrar” (JN, 2012-01-24); “Conheça os países que estão a contratar portugueses - Há países sedentos de talento e em que há muitas oportunidades de emprego” (Económico, 2012-01-24); “Cidade alemã convida emigrantes portugueses” (Bomdia.lu, 2012-02-07); “Emprego lá fora: onde estão as melhores oportunidades?” (TVI24, 2012-02-08). A questão corporativa, em defesa da permanência no país dos profissionais qualificados, é introduzida pela manchete “Ordem dos Médicos acusa ministério de forçar portugueses à emigração” (Público, 2012-02-17).

Notícias avulsas dão, agora, lugar a textos mais sistematizados, ao jeito de manuais de procedimentos – “Onde conseguir emprego – As oportunidade e os riscos de ir trabalhar para o estrangeiro – as profissões mais procuradas em Angola, Brasil, Alemanha, EUA, Austrália, China, Suíça” (Visão, 2012-02-23). O Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) torna-se protagonista da informação veiculada, não só por divulgar o número de licenciados desempregados que anulou a inscrição nos centros de emprego para emigrar, como também por difundir oportunidades emprego no espaço da UE (Público; Expresso, 2012-03-01).

Outubro é marcado por uma carta aberta de um jovem enfermeiro ao Presidente da República antes de emigrar: “Enfermeiro despede-se de Cavaco Silva antes de emigrar e implora para não criar «imposto» às lágrimas e saudade” (DD; Correio da Manhã; Expresso, 2012-10-17); “Enfermeiro emigra e diz, em carta a Cavaco, sentir-se “expulso” de Portugal” (Porto24, 2012-10-17). Este episódio particular, muito mediatizado, chama a atenção da comunicação social para a saída de profissionais da enfermagem – “Já há 1800 enfermeiros portugueses em Inglaterra” (Diário de Notícias, 2012-10-19) - e para perda de população jovem ativa – “Portugal

---

<sup>11</sup> Foram selecionadas, organizadas e analisadas cerca de 250 notícias, de diferentes meios de comunicação social, desde 2005 até início de 2013. Na sua maioria abordam diretamente a emigração dos profissionais com qualificação superior, embora tenham sido, também, consideradas algumas notícias que se referem à generalidade da emigração portuguesa, sempre que estas demonstraram relevância para a contextualização do problema.



perdeu 65 mil jovens activos num ano - Especialistas admitem que desaparecimento de jovens da população activa se deve em grande parte à emigração. Muitos nem chegam a procurar emprego em Portugal” (TSF, 2012-10-22).

O tema da emigração de profissionais da saúde é, ainda, desenvolvido em torno da questão do reconhecimento das habilitações académicas e profissionais fora do espaço da UE - “Ministério da Saúde tem “obrigação” de promover reconhecimento dos profissionais emigrantes. Para o secretário de Estado da Saúde, «vamos ter uma maior exposição internacional e isso é positivo» ” (PTJornal, 2012-11-12). Os médicos continuam a ser notícia devido às suas intenções de emigrar e pelo interesse nestes profissionais por parte de empregadores estrangeiros: “Empresa francesa recruta médicos portugueses - Clínicos estão interessados em emigrar” (TVI24, 2012-11-15); Por sua vez, os enfermeiros destacam-se pelo crescente desemprego e precariedade que afeta a profissão, conduzindo à saída do país: “Um em cada cinco enfermeiros sem emprego - Ordem dos Enfermeiros divulgou um estudo sobre a situação profissional dos jovens Enfermeiros no país” (TVI24, 2012-11-23).

Em 2013 agravam-se as acusações da Ordem dos Médicos à tutela da Saúde com a polémica entrevista do Bastonário ao jornal Destak: “ «Há médicos portugueses a emigrar» - Polémico e direto, José Manuel Silva, bastonário da Ordem dos Médicos, esteve à conversa com o Destak. E não poupou críticas às políticas do Governo” (Destak, 2013-02-20). Continua, também a referência à intensificação da procura de profissionais de saúde portugueses por países como o Reino Unido e os Emirados Árabes Unidos (e.g. “Novas vagas para enfermeiros portugueses no Reino Unido - Hospitais londrinos estão a recrutar enfermeiros portugueses. Candidaturas até 30 de Abril (Público, 2013-04-18); “Saúde: Dubai e Abu Dhabi recrutam portugueses - As cidades árabes do Dubai e de Abu Dhabi estão à procura de cerca de 100 enfermeiros, fisioterapeutas e técnicos de saúde portugueses” (Sapo, 2013-08-06). Em julho deste ano surge a notícia com maior visibilidade, manchete de capa do Diário de Notícias e amplamente veiculada por outros órgãos de comunicação social: “Mais de cinco mil médicos e enfermeiros (5345) fogem de Portugal” (DN, 2013-07-01). Em declarações públicas, o Bastonário da Ordem dos Médicos assume a gravidade da situação, que apelida de “explosiva” e de “desperdício dramático”, prevendo que essa tendência se irá acentuar.

### 3. (Di)Visões em torno do fenómeno – enfoque corporativo

Numa fase ainda exploratória do projeto, estão a ser analisados os enfoques de vários atores envolvidos<sup>12</sup> no debate em torno da vaga emigratória atual. Nesta apresentação, destacamos apenas um dos enfoques – o corporativo - e o seu posicionamento face a cinco dimensões de análise: i) intensidade do fenómeno e perfil dos emigrantes; ii) significado deste tipo de emigração; iii) causas e consequências da emigração; iv) dinâmicas de integração nos países recetores (constrangimentos/oportunidades); v) perspetivas de futuro.

O enfoque corporativo sintetiza os discursos e perspetivas de grupos profissionais organizados (ordens e associações) relativamente a algumas das dimensões selecionadas. A dimensão analítica mais presente nos seus discursos prende-se com as causas da emigração destes profissionais, tanto do lado da oferta, como da procura. Verifica-se unanimidade no

<sup>12</sup> São cinco os enfoques que sintetizam os discursos e as perspetivas dos atores envolvidos: político, corporativo, científico/académico; técnico-institucional; dos agentes (os próprios emigrantes).

reconhecimento da boa formação ministrada e da conseqüente capacidade técnica e prática demonstrada pelos profissionais, assim como da boa reputação junto dos empregadores estrangeiros, o que estimula a procura dos diplomados portugueses nessas áreas de formação. A versatilidade linguística e uma certa disponibilidade para a emigração são, igualmente mencionadas. As carências e a necessidade dessas qualificações em determinados países originam um recrutamento ativo e direto em Portugal. Os salários, bem mais aliciantes nos países de acolhimento, a existência de oportunidades ajustadas aos perfis, assim como o reconhecimento/valorização profissional e a possibilidade de progressão na carreira completam o leque de fatores de atração. Pelo lado da repulsão, a ênfase é colocada no desemprego, na precariedade, em modalidades atípicas de emprego, nos baixos salários e na diminuição contínua dos salários líquidos, na instabilidade e agravamento das condições de trabalho, no aumento do tempo de espera para o primeiro emprego, na falta de alternativas, no excessivo nº de vagas no ensino superior face à dimensão do mercado interno e na falta de investimento político, quer no desenvolvimento económico e tecnológico em geral, quer nas políticas de emprego público e na qualidade dos SNS, capazes de reter estes profissionais. Como conseqüências da emigração, este enfoque destaca, pela negativa, o agravamento de problemas provocados pela insuficiência de quadros num setor chave como o da saúde e, no caso da enfermagem, a diminuição do número de matrículas no ensino superior desde 2011, pela positiva, o intercâmbio de conhecimentos entre profissionais de diferentes países e a dinamização de novas áreas e abordagens.

Quanto à intensidade do problema, não obstante a escassez de dados, reconhece-se que o nº de intenções e o de concretizações de emigração estão a aumentar e que a tendência se manterá, podendo, inclusive, agravar-se. Esta tendência é, ainda, mais preocupante por se tratar de profissões tradicionalmente sem problemas de inserção no mercado de trabalho e, segundo as ordens, associações e sindicatos do setor da saúde, em que as carências de profissionais ainda se fazem sentir. O ano de 2012 marca a tomada de consciência definitiva da concretização e da intensificação desta emigração, confirmada pela constante presença de empresas de recrutamento de profissionais de saúde em Portugal e da crescente adesão de interessados e estes eventos.

Em relação às perspetivas de futuro, vislumbra-se nestes discursos uma tendência de agravamento das saídas. Se, em 2009/10, a Ordem dos Médicos (OM) desvalorizava alguns indícios de aumento da procura por parte das empresas de recrutamento europeias e do interesse, ainda tímido, de alguns médicos, justificando-o como "uma conseqüência inevitável do mercado comum europeu" e que "estas ofertas ainda não são uma ameaça", sindicatos e outros representantes de associações deste setor já alertavam para a tendência de aumento das saídas (Jesus, 2009). A partir de 2012, o discurso altera-se radicalmente e assume uma posição de confronto com a tutela<sup>13</sup>, acusando o ministério de "fria insensibilidade de quem ocupa transitoriamente o poder e a obstinada falta de vontade em corresponder, ainda que parcialmente, às justificadas e concretizáveis aspirações dos jovens candidatos, que apoiámos, são perturbantes e perturbadoras", acrescentando que estão a emigrar "por falta de alternativas

---

<sup>13</sup> A este propósito, há que ter em conta a mudança de bastonário da OM em 2011. O atual bastonário, José Manuel Silva, assume uma posição mais crítica e interventiva do que o seu antecessor em relação à desqualificação do trabalho médico e à conseqüente emigração.

e emprego no seu país e por, em Portugal, não terem as mesmas oportunidades de colegas estrangeiros"<sup>14</sup>.

Em 2013, face à intensificação das ofertas estrangeiras e da aceleração da procura, tanto por jovens médicos em início de carreira, como por clínicos seniores com elevada experiência e qualificação, o Bastonário da OM manifesta publicamente a existência e o agravamento da emigração entre estes profissionais: "Sim, há médicos a emigrar, nomeadamente especialistas, devido à degradação das condições de trabalho em Portugal e porque recebem ofertas tentadoras de países europeus considerados até mais evoluídos que o nosso, mas que reconhecem a qualidade dos nossos médicos e da formação médica no País. (...) Já (são) algumas dezenas e esta situação irá certamente acentuar-se (...) E muitos dos milhares de jovens portugueses que foram tirar medicina para o estrangeiro já estão a pensar não regressar, porque verificaram que não têm perspectivas de futuro no País.", Já em Julho deste ano o responsável pela OM admite que os clínicos que estão a sair do país fazem falta a Portugal. Em declarações à Antena1, o bastonário revela que, relativamente ao facto de 1.500 médicos terem pedido a declaração para trabalhar fora do país no último ano e meio: "Surpreende-me, por um lado, porque não era a realidade entre os médicos, mas não me surpreende, por outro, face às circunstâncias do país, à redução muito importante das retribuições médicas, mas também à falta de perspectivas de desenvolvimento profissional no nosso país. Neste momento são mais atrativas noutros países da Europa". Afirma, também, que esta é uma situação "explosiva que coincide com a queda dos vencimentos, horas extra e da dificuldade em colocar médicos", admitindo que "os médicos estão a receber quase menos 50% e estão revoltados". O bastonário adianta que os números são preocupantes, na medida em que "estão a sair médicos com anos de experiência", sendo um "desperdício dramático".

A polémica da emigração portuguesa altamente qualificada, ao atingir um grupo profissional com a força corporativa e o estatuto profissional dos médicos adquire, no campo simbólico, outra dimensão. Como assegura um outro representante da OM: "Não é fácil desqualificar os médicos e retirar-lhes a sua dignidade"<sup>15</sup>.

Relativamente aos enfermeiros, a posição da Ordem dos Enfermeiros (OE) difere da OM apenas na forma mais moderada e na antecipação na perceção do problema. Ainda em 2009, a OE publicava um estudo sobre "Situação Profissional dos Jovens Enfermeiros em Portugal", um instrumento de monitorização que refletia já preocupação com o mercado de trabalho da enfermagem em Portugal. Já no estudo de 2011 pode ler-se que "a emigração continua a ser uma solução para um número relevante de jovens" (OE, 2011: 40) e que "a precariedade começa a generalizar-se para os jovens enfermeiros: 65,51% dos enfermeiros que responderam a este estudo estão sem emprego ou estão em condições precárias; a estimativa do número de enfermeiros formados em 2008, 2009 e 2010 que ou estão sem emprego, ou estão em condições precárias, ronda os 7438". Mas é em 2012 que se assiste ao *boom* de saídas e intenções de saída, com grande visibilidade mediática. Para a OE, Portugal está a "exportar" profissionais de que precisa: "A OE compreende que muitos enfermeiros procurem no estrangeiro a possibilidade de

<sup>14</sup> Comunicado publicado no portal oficial da Ordem dos Médicos no início de 2012 (disponível em <https://www.ordemdosmedicos.pt/?lop=conteudo&op=ed3d2c21991e3bef5e069713af9fa6ca&id=96671501524948bc3937b4b30d0e57b9>).

<sup>15</sup> Artigo de opinião do Presidente do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos no Jornal Grande Porto, em 2013-05-10

exercer a profissão que escolheram e lamenta as políticas de emprego público, que não investe em recursos qualificados que o país possui” (Lusa, 2012-07-13). Esta apreensão e reflexão crítica são reforçadas numa entrevista realizada em Abril de 2013 na Secção Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros:

*A partir de, principalmente, 2007/8, começamos a ter os estabelecimentos públicos a não abrirem vagas, apesar das necessidades, apesar das aposentações (numa média à volta de 110 a 150 anualmente, só na região norte), não tem havido a contrapartida de admissões e as instituições continuam a ter estas necessidades. O problema aqui é que, com a formação que estamos a ter, anualmente entre 1200 a 1500, ao não haver absorção pelo mercado de trabalho, estes enfermeiros têm estado a procurar outras saídas e estas saídas são as que vêm do estrangeiro*

*(...) Temos tido, felizmente, muito boa receção ao nível mesmo dos países europeus – falo no Reino Unido, da Holanda, da Alemanha (ainda outro dia a Alemanha publicitava que precisava de enfermeiros e de médicos), temos a Bélgica a precisar, temos a Suíça, a Irlanda, também, a admitir enfermeiros e para nossa surpresa até os países asiáticos têm estado a vir agora recrutar enfermeiros. Não é por acaso que há serviços em hospitais ou clínicas do Dubai que grande parte dos enfermeiros já é portuguesa. E mais, estão a pedir para a gestão desses serviços enfermeiros também já com alguma qualificação nossa, de gestão, a serem contratados como gestores, de enfermeiros gestores e aí já estamos a falar de um perfil de enfermeiros já com experiência e bem qualificados, o que nos vem dar alguma satisfação em termos da formação, da qualificação dos nossos profissionais*

*(...) Temos os estabelecimentos públicos de saúde a necessitar de profissionais, temos a população a necessitar de determinado tipo de respostas, principalmente ao nível dos cuidados primários, de proximidade de que se fala muito, não é? No discurso fica bem falarmos de cuidados de proximidade mas depois é preciso pôr lá recursos e criar condições para que, de facto, haja aqui uma reconfiguração do próprio sistema da saúde português.*

*(...) preocupa-nos isto porque estamos a assistir a esta saída maciça de enfermeiros, de quadros até, de cidadãos ativos, contribuintes para o nosso sistema social e para os nossos impostos. Porque hoje, esta nova tipologia, este novo paradigma de emigração dos portugueses, é muito diferente daquela que havia há 35 e 40 anos, em que o emigrante saía, fazia uma vida muito, muito limitada lá fora, em que tudo o que recebia, todos os seus rendimentos eram depositados em Portugal, portanto, havia aqui só um projeto de vida só de trabalho e depois um projeto de regresso muito curto, enquanto que hoje, os novos emigrantes, principalmente nestas áreas qualificadas, ao saírem para o estrangeiro, reorganizam as suas vidas onde têm o seu local de trabalho, abrem as suas contas nas agências bancárias desses locais, podem ter aqui uma conta aberta mas não é a principal, portanto, nem nisso a emigração hoje trás mais valias para Portugal.*

*(OE<sup>16</sup>, Porto - 2013-04-01)*

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida pelo enfermeiro Jorge Cadete, Presidente do Conselho Directivo Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros.

## Reflexões Finais

### Paradoxos, incertezas e desafios - pistas para o aprofundamento do modelo analítico

Nos próximos anos, o sector da saúde será porventura aquele em que a redução das necessidades menos se coloca: a melhoria das condições de vida, o desenvolvimento e a inovação neste setor promovem prolongamento da vida e o conseqüente envelhecimento da população e são os idosos que necessitam, em média, de um maior investimento nestes cuidados. É o “paradoxo da saúde”<sup>17</sup>: mais saúde, mais vida, mais necessidade de cuidados de saúde. Neste cenário, não seria expectável que um país da OCDE, que na década passada figurava como dos mais representativos destinos de imigração de médicos, apresente a situação de “fuga” de profissionais de saúde anteriormente descrita. Para além dos números absolutos estimados, importa realçar o aumento brusco e exponencial das intenções e das efetivas saídas nos últimos dois anos, assim como a crescente importância e gravidade atribuídas ao fenómeno pelas organizações profissionais. E, na problemática da emigração, não só a quantidade importa, mas também a qualidade dos emigrantes (Breinbauer, 2007)

A informação disponível sugere-nos que o setor da saúde e, conseqüentemente, a respetiva emigração, não podem ser analisados como um todo uniforme, apontando para uma segmentação/diferenciação deste mercado de trabalho, tanto entre os diferentes grupos profissionais (caso dos médicos e enfermeiros), como em termos territoriais e de serviços. Por um lado, os médicos apresentam níveis de emprego mais elevados, ainda que comecem a dar sinais de alguma precariedade e degradação das condições de trabalho, resultantes da aplicação dos princípios de mercado a este setor, sendo a emigração aparentemente mais motivada por fatores pull dos países que necessitam desses profissionais (i.e. vencimentos e condições de trabalho mais atrativas, estabilidade, valorização e progressão na carreira). Quanto aos enfermeiros, independentemente da atratividade dos países de destino, os fatores push são preponderantes, dada a elevada taxa de desemprego, a prática de baixos salários e da extrema precariedade, a intensificação dos ritmos de trabalho e conseqüente stress profissional e a desvalorização da profissão, principalmente nos recém-licenciados. Sendo a emigração um dado comum aos dois grupos profissionais, a dimensão, a intensidade, as causas e as condições em que ocorre são bastante mais expressivas no caso dos enfermeiros. No entanto, esta escassez de emprego coexiste com a grave carência de ambos os profissionais, quer em territórios de baixa densidade, quer ao nível da medicina geral e familiar e dos cuidados de saúde primários e continuados. Também a qualidade, o investimento ao longo de anos e o reconhecimento internacional do nosso SNS se confrontam com esta falta de atratividade para os recursos humanos nacionais.

Outro dos “paradoxos” observados prende-se com o ensino e a formação nestas áreas: o investimento realizado e a reconhecida qualidade dos cursos de medicina e enfermagem de uma grande parte das universidades portuguesas contrastam com uma aparente falta de planeamento estratégico capaz de promover a médio prazo um ajustamento entre oferta e procura, contrariando o desperdício de recursos que o exercício da profissão noutro país acarreta. Relativamente ao curso de medicina, permanece, contudo, a noção de que existem

---

<sup>17</sup> Expressão utilizada por António Barreto nas comemorações dos 30 anos do SNS (2009-07-08).

poucas vagas para os cursos, o que tem levado centenas de candidatos a terem de escolher outros países para se diplomarem. O caso da formação em enfermagem e, de certo modo, em medicina dentária, são paradigmáticos de como estas realidades mudam radicalmente em menos de uma década – durante anos sofremos de um défice crónico destes profissionais, tendo de recorrer, sistematicamente, a imigrantes para colmatar essa necessidade.

No cenário atual, as diferenças salariais, as melhores condições de vida e de trabalho nos países de acolhimento e as reais possibilidades de progressão na carreira parecem compensar eventuais aspetos negativos associados à emigração, recolocando-se a centralidade do trabalho e da realização profissional, como dimensões fundamentais das dinâmicas de mobilidade destes profissionais. Por conseguinte, não se deve contar com uma migração de retorno em larga escala, dadas as reconhecidas vantagens competitivas dos países recetores e o seu crescente investimento no “aliciamento” dos nossos profissionais.

Também as transformações recentes dos mercados de trabalho (trans)nacionais tornam a “fuga de cérebros” incontornável, mesmo que se verifique um crescimento mais acelerado da economia portuguesa, devido às desigualdades internacionais e à atração de economias que, previsivelmente, continuarão a ser, num futuro próximo, muito mais desenvolvidas do que a portuguesa, com problemas estruturais no modelo de desenvolvimento.

A posição mais comumente aceite pelos académicos sobre esta problemática não é coincidente com a posição das corporações profissionais. Para os especialistas, o problema não é a saída de portugueses qualificados, inevitável numa sociedade democrática e num contexto de desigualdade internacional, mas a atual diminuição do poder de atração sobre outros países menos desenvolvidos, a qual poderia compensar aquela saída. Caberia, então, aos governos nacionais criarem condições, não para fixar os que querem sair, mas para atrair mais imigrantes altamente qualificados. Sem os condicionalismos decorrente da atual crise, Portugal teria menos emigração jovem qualificada, mas, mesmo assim, sofreria uma taxa significativa de *brain drain*, como demonstram os dados da OCDE relativos à situação vivida em 2000 (20% de *brain drain*)<sup>18</sup>. No entanto, nessa altura o desemprego<sup>19</sup> não terá sido a principal causa de saída, mas a procura de melhores oportunidades, criadas não só pela economia, mas também pela cultura laboral e de gestão mais democrática e competente, capaz de promover, valorizar e premiar o mérito, assim como de vencimentos mais elevados e equitativos nos países de destino<sup>20</sup>. O modelo de gestão português, sinal do nosso atraso estrutural, independentemente da crise conjuntural, nunca promoveu, de forma sustentada as condições necessárias para reter e para atrair os mais qualificados.

A mudança desejável é exigente e levará tempo. Persiste no discurso dos principais interlocutores deste processo a esperança de um regresso ao país dos diplomados expatriados, nomeadamente na área da saúde, Mas, quando poderá ocorrer esse regresso e em que condições? Para Pedro Góis, importa retirar ilações dos dados e alerta: “Andamos todos a dizer que os emigrantes que estão a sair estão apenas a aproveitar oportunidades de trabalho momentâneas lá fora, mas, se nada for feito, esta emigração pode tornar-se permanente e isso terá consequências muito negativas para o país em termos económicos e demográficos”

---

<sup>18</sup> Veja-se, a este propósito, Rui Pena Pires (Observatório da Emigração, 2010-06-11).

<sup>19</sup> No início deste século, as taxas de desemprego qualificado rondavam os 3%.

<sup>20</sup> Dados preliminares de uma investigação conduzida por Joana Azevedo (CIES/ISCTE) dão-nos pistas neste sentido.

(Público, 2012-11-19). Persiste, então, a dúvida: estamos a assistir a uma fuga ou circulação de qualificações? Que tipo de circulação? Se, neste processo, as potenciais vantagens se concentrarem nos países centrais, assistiremos ao efeito perverso do agravamento das desigualdades entre os países ou regiões que perdem sistematicamente trabalho e aqueles que o ganham consistentemente, apostando no conhecimento e nas qualificações, gerados nos próprios países periféricos, com investimento e recursos endógenos.

Estes paradoxos, incertezas e desafios pretendem ser, apenas, pistas e hipóteses de investigação que urge aprofundar em termos de modelo analítico e testar com novos dados empíricos. Neste processo, será essencial dar voz aos próprios sujeitos destes fluxos, no caso específico, a uma amostra significativa dos profissionais de saúde que “decidiram” exercer a sua profissão noutro país.

## Bibliografia

- ABBOTT, A. Delano (1988), *The system of professions an essay on the division of expert labor*, Chicago, University of Chicago Press.
- AMARAL, José Carlos (Coord.) (2011), *Recursos Humanos Estrangeiros no Ministério da Saúde – Actualização 2009/2010*, Lisboa, Administração Central do Sistema de Saúde, I.P. – Unidade Funcional de estudos e Planeamento de Recursos Humanos (UFEPRH).
- AMARAL, Alberto (2001), *Plano estratégico para a formação nas áreas da saúde*.
- BAGANHA, M. Ioannis; RIBEIRO, Joana; PIRES, Sónia (2002), *O sector da saúde em Portugal: funcionamento do sistema e caracterização sócio-profissional*, Oficina do CES, nº 182
- BAUMAN, Z. (2003), *Comunidad. En busca de seguridad en un mundo hostil*, Madrid, Siglo veintiuno de españa editors.
- BECK, U. (2000), *Un nuevo mundo feliz. La precariedad del trabajo en la era de la globalización*, Barcelona, Piados.
- BECK, U. (1992), *Risk Society. Towards a New Modernity*, London. Sage.
- BREINBAUER, A. (2007), “Brain Drain – Brain Circulation or What Else Happens or Should Happen to the Brains - Some Aspects of Qualified Person Mobility/Migration”, *FIW Working Paper* N.º 4, June 2007, disponível em: [http://www.morebrain.net/index\\_htm\\_files/N\\_004-breinbauer.pdf](http://www.morebrain.net/index_htm_files/N_004-breinbauer.pdf). (consultado em 15 de Novembro de 2013).
- CLARK, Paul F; STEWART, James B; CLARK, Darlene A (2006), “The globalization of the labour market for health-care professionals”, *International Labour Review*, vol.145, nº 1/2; ABI/INFORM Global, pg. 37-64, disponível em: <http://ent.arp.harvard.edu/AfricaHigherEducation/LaborMarketHealthCare.pdf>.



- EVETTS, J. (2010). "Reconnecting Professional Occupations with Professional Organizations: risks and opportunities" in L. Svensson, & J. Evetts, (eds.). *Sociology of Professions: continental and anglo-saxon traditions*, Goteborg, Bokforlaget Daidalos, pp. 167-187.
- FERNANDES, Raul (Coord.) (2011), *Situação Profissional dos Jovens Enfermeiros em Portugal*, Ordem dos Enfermeiros.
- FÓTI, Klára (2013), *Mobility and migration of healthcare workers in central and eastern Europe*, European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions, Eurofound, disponível em <http://www.eurofound.europa.eu/publications/htmlfiles/ef1335.htm>.
- FREIDSON, E. (2001), *Professionalism: the third logic*, Cambridge, Polity Press.
- FREIDSON, E. (1986), *Professional Powers*, Chicago, The University of Chicago Press.
- GONÇALVES, C. M., MENEZES, I., MARTINS, M. C., (2009), *Transição para o trabalho dos licenciados da Universidade do Porto (2006-2007)*, Porto, Universidade do Porto.
- GRIGNON, Michel; OWUSU, Yaw; SWEETMAN, Arthur (2012), *The International Migration of Health Professionals*, IZA DP No. 6517, Germany.
- HOESCH, Kirten (2008), "Assessing Interdependencies between Sector Structures and Labour Market. A comparative study of the British and the German Health Sectors", in Holger Kolb & Henrik Egbert (Eds.) *Migrants and Markets. Perspectives from Economics and the Other Social Sciences*, EMISCOE Research, Amsterdam University Press.
- KUHLMANN, Ellen; SAKS, Mike (Ed .) (2008), *Rethinking professional governance - International directions in healthcare*, Policy Press, University of Bristol
- LOWEL, Lindsay (2008), "Highly skilled migration" in World Migration Report 2008: Managing Labour Mobility in the Evolving Global Economy", *International Organization for Migration*, pp. 51-76.
- MARQUES, Ana P. (2007), *Melntegra - Mercados e estratégias de inserção profissional. Licenciados versus empresas da Região Norte*, Relatório final, Colecção DS/CICS. Universidade do Minho. URL:<http://hdl.handle.net/1822/8633>.
- MARQUES, A. P., ALVES, M. G. (Orgs.) 2010), *Inserção profissional de graduados em Portugal. (Re)configurações teóricas e empíricas*, V. N. Famalicão, Edições Húmus.
- RIBEIRO, Joana Sousa (2013), "Migração de profissionais de saúde – Desperdício ou reconhecimento de qualificações?" in Maria Emília Araújo, M. Fontes, S. Bento (Org.), *Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros*, Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, pp.83-96 (online) disponível em: [http://www.ics.uminho.pt/uploads/eventos/EV\\_7486/20130620436144808750.pdf](http://www.ics.uminho.pt/uploads/eventos/EV_7486/20130620436144808750.pdf)
- RIBEIRO, Joana Sousa (2004), "Imigração Independente em Portugal: o caso dos profissionais qualificados no sector da Saúde" in APD (Org.), *Actas do Congresso Português de Demografia*, Lisboa, APD.
- SENNETT, R. (2001), *A Corrosão do Carácter. As Consequências Pessoais do Trabalho no Novo Capitalismo*, Lisboa, Terramar.
- TEICHLER, U. (2007), *Careers of University Graduates. Views and Experiences in Comparative Perspectives*. col. "Higher Education Dynamics, nº 17". London, Springer.

TEICHLER, U. (2009), *Higher Education and the World of Work. Conceptual Frameworks, Comparative Perspectives, Empirical Findings*, Rotterdam, Sense Publishers.

### Notícias consultadas (Online)

- AZEVEDO, Rosa (2013), *Fuga de médicos e enfermeiros para o estrangeiro*, RTP N, 01 de julho, disponível em:  
<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=663146&tm=2&layout=123&visual=61>
- CHAVES, Ana (2013), *Novas vagas para enfermeiros portugueses no Reino Unido*, Público, 18 de abril, disponível em: <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/7557/novas-vagas-para-enfermeiros-portugueses-no-reino-unido>
- CHAVES, Ana (2011), *Reino Unido é o principal destino de emigração de jovens farmacêuticos*, Público P3, 05 de dezembro, disponível em:  
<http://p3.publico.pt/actualidade/economia/1593/reino-unido-e-o-principal-destino-de-emigracao-de-jovens-farmaceuticos>
- DUARTE, Andrea; Queirós, Madalena (2011), *A Alemanha tem falta de quadros qualificados*, *Económico*, 02 de outubro, disponível em: [http://economico.sapo.pt/noticias/a-alemanha-tem-falta-de-quadros-qualificados\\_127494.html](http://economico.sapo.pt/noticias/a-alemanha-tem-falta-de-quadros-qualificados_127494.html)
- JESUS, Patrícia (2010), *Cada vez mais médicos a procurar o estrangeiro para trabalhar*, Diário de Notícias, 06 de julho, disponível em:  
[http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1611322](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1611322)
- JESUS, Patrícia (2009), *Inglêses recrutam em Portugal médicos para as urgências. Salários entre 6750 e 7900 euros*, Diário de Notícias, 28 de agosto, disponível em:  
[http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1346488](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1346488)
- MENDES, Carla Marina (2013), *Entrevista Bastonário da Ordem dos Médicos «Há médicos portugueses a emigrar»*, Destak, 20 de fevereiro, disponível em:  
<http://www.destak.pt/artigo/154991>
- QUEIRÓS, Madalena (2012), *Conheça os países que estão a contratar portugueses*, *Económico*, 24 de janeiro, disponível em: [http://economico.sapo.pt/noticias/conheca-os-paises-que-estao-a-contratar-portugueses\\_136445.html](http://economico.sapo.pt/noticias/conheca-os-paises-que-estao-a-contratar-portugueses_136445.html)
- RIBEIRO, João Miguel (2012), *Ministério da Saúde tem "obrigação" de promover reconhecimento dos profissionais emigrantes*, PT Jornal, 12 de novembro, disponível em:  
<http://www.ptjornal.com/2012111212023/geral/saude/ministerio-da-saude-tem-obrigacao-de-promover-reconhecimento-dos-profissionais-emigrantes.html>
- S.A (2013), *Mais de cinco mil médicos e enfermeiros (5345) fogem de Portugal*, Diário de Notícias, 01 de julho, disponível em:  
[http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content\\_id=3297356&seccao=Media](http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=3297356&seccao=Media)
- S.A (2012), *Empresa francesa recruta médicos portugueses. Clínicos estão interessados em emigrar*, Tvi24, 15 de novembro, disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/emigracao-tvi24-saude-franca-ultimas-noticias-medicos/1392923-4071.html>
- S.A (2012), *Enfermeiros portugueses procuram Espanha e Inglaterra*, SOL, 13 de julho, disponível em: [http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content\\_id=54270](http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=54270)

- S.A (2012), *Ordem dos Médicos acusa ministério de forçar portugueses à emigração*, Público, 17 de fevereiro, disponível em: <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/ordem-dos-medicos-acusa-ministerio-de-forcar-portugueses-a-emigracao-1534266>
- S.A (2012), *Saúde: 700 médicos e enfermeiros querem ir trabalhar para França*, Jornal i, 17 de janeiro, disponível em: <http://www.ionline.pt/artigos/portugal/saude-700-medicos-enfermeiros-querem-ir-trabalhar-franca>
- S.A (2011), *Um em cada cinco enfermeiros sem emprego. Ordem dos Enfermeiros divulgou um estudo sobre a situação profissional dos jovens enfermeiros no país*, TVI24, 23 de novembro, disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/enfermeiros-estudo-ordem-dos-enfermeiros-saude-desemprego-tvi24/1301862-4071.html>
- S.A (2011), *Empresas suecas seduzem portugueses para emigração*, Expresso, 24 de maio, disponível em: <http://expresso.sapo.pt/empresas-suecas-seduzem-portugueses-para-emigracao=f650754>
- TRIGUEIRÃO, Sónia (2012), *500 clínicos querem emigrar*, Correio da Manhã, 16 de janeiro, disponível em: <http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/saude/500-clinicos-querem-emigrar>